



Revista de Políticas Públicas

ISSN: 0104-8740

revistapoliticaspublicasufma@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão

Brasil

Ramos Lima, Lidiane; Ferreira Osterne, Maria do Socorro
MULHERES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: um significado para além do espaço privado
Revista de Políticas Públicas, vol. 19, núm. 2, julio-diciembre, 2015, pp. 479-488
Universidade Federal do Maranhão
São Luís, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321143695010>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

MULHERES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: um significado para além do espaço privado

Lidiane Ramos Lima

Prefeitura Municipal de Paracuru

Maria do Socorro Ferreira Osterne

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

MULHERES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: um significado para além do espaço privado

Resumo: Sabe-se que as mulheres por séculos foram relegadas aos espaços, até então, não democráticos e de decisão. No caso das Agentes Sociais de Paracuru, membros de uma Associação constituída por 25 mulheres, formada no litoral oeste do Ceará, conseguiram instrumentalizar-se de conhecimento e passaram a quebrar as barreiras da comunicação entre os espaços privado e público. Este trabalho tem como objetivo desvendar o significado da inserção política na trajetória de vida das mulheres Agentes Sociais de Paracuru. A partir de uma proposta metodológica ancorada na pesquisa interventiva e participante, a análise dos discursos das Agentes Sociais de Paracuru contribuiu para a observação de que estas despertaram para uma política de luta favorável ao rompimento de determinadas subjetividades codificadas, ousaram sair do seu campo doméstico e usam de suas estratégias na busca por novos significados nas suas vidas.

Palavras-chave: Agentes sociais, políticas públicas, público e privado, participação política e empoderamento.

WOMEN AND POLITIC PARTICIPATION: one meaning beyond the private area

Abstract: It is known that women, for centuries were relegated to areas, theretofore, undemocratic and decisive. For the Social Agents from Paracuru, members of an association composed of 25 women formed on the west coast of Ceará, managed to equip themselves with knowledge and began to break down communication barriers between the private and public spaces. This study aims to unveil the meaning of political integration in the life course of the women that are part of the Social Agents from Paracuru. Starting from a methodological proposal anchored in interventional and participant research, the analysis of the discourses of the Social Agents from Paracuru contributed to the observation that those women have awakened to a policy favorable to the disruption of certain encoded subjectivities, dared to leave their domestic routine and are using their strategies in the search for new meaning in their lives.

Key words: Social agents, public policies, public and private, political participation and empowerment.

Recebido em: 29.06.2015. Aprovado em: 25.09.2015.

1 INTRODUÇÃO

Em consonância com as referências de que as relações sociais sofrem mutações, este trabalho parte da ideia que os indivíduos são transformados através das relações entre homens e mulheres, que estarão sempre aptos a modificarem-se e a mudar também o que se encontra ao redor de suas convivências.

Este estudo, um fragmento de uma dissertação¹, pretende enunciar as conquistas que envolvem as relações em torno da participação feminina e o poder vivenciados por mulheres da classe popular, no exercício político, a partir de uma organização inicialmente movida pelo governo local do município de Paracuru, uma cidade do litoral oeste cearense, composta demograficamente por um número aproximado de 32 mil habitantes, cuja população concentra-se na zona urbana da cidade, que, por sua vez, abrange o maior número de entidades da sociedade civil em atuação junto a questões urbanas, educacionais, culturais, esportivas, de saúde e outras.

Parte-se da análise da trajetória de vida de mulheres em meio à participação política. São as chamadas Agentes Sociais de Paracuru, grupo sujeito deste estudo. O grupo em questão é formado por 25 (vinte e cinco) mulheres que se juntaram na Associação das Agentes Sociais de Paracuru no ano de 2008. Buscou-se adentrar no significado dessa participação, bem como entender a percepção destas mulheres sobre seus engajamentos no meio dos discursos coletivos; as direções assumidas pelas Agentes Sociais de Paracuru na luta por direitos e; as repercussões desse envolvimento no contexto dos relacionamentos familiares. Portanto, buscou-se compreender como estas mulheres se viam na dimensão do âmbito privado e que condições de empoderamento elas vivenciaram no meio social ao terem que lidar com homens e outras mulheres tanto no espaço doméstico como no espaço público.

O estudo ficou atento aos rebatimentos desta experiência na vida das mulheres além das implicações da participação no âmbito da gestão da Associação, como representantes dos movimentos sociais de Paracuru.

Esta experiência de conviver com a realidade de mulheres moradoras de Paracuru, envolvidas com a participação política, deu-se em 2004. Nasceu no âmbito da política social local na gestão 2004-2008, do Prefeito José Ribamar Barroso Batista, do Partido Progressista (PP), que tinha como Secretaria de Desenvolvimento Social, responsável pela política de assistência social, a servidora Welna Maria Barroso Saraiva, assistente social.

O grupo de Agentes Sociais de Paracuru, vinculado a um projeto de cunho assistencial, deu inicio às atividades de mobilização e acompanhamento das comunidades apenas no ano de 2005. As Agentes Sociais de Paracuru passaram

a ser distribuídas em núcleos, formados por cinco agentes cada núcleo. Na tentativa de ampliar a capilaridade das forças do governo local sobre a população, atuaram, sobretudo, na área urbana da cidade, na maioria das vezes no âmbito da política de assistência.

As mulheres selecionadas para atuarem como Agentes Sociais haviam vivido, na sua maioria, apenas experiências nos espaços privados. Poucas se manifestaram participantes de experiências no domínio do público, como no mercado de trabalho formal ou não formal, bem como participantes da vida política do município. A partir do engajamento no grupo, passaram a aparecer mais como sujeitos políticos.

No tocante à metodologia utilizada neste estudo, aproximou-se da pesquisa intervenciva e participante. Sua pesquisadora acredita que o campo de análise não se separa do campo da intervenção (KASTRUP; BARROS, 2010). Sente-se assim totalmente identificada com o seu objeto de estudo, em razão de ter contribuído com a constituição do grupo e a implementação do mesmo, em razão de ser servidora pública do município de Paracuru entre 2004 e 2006.

A partir do momento em que se executa uma análise em determinado campo, não há um distanciamento, devido às experiências coletivas existentes, nas quais se acaba por mergulhar e nas quais todas estão envolvidas (PASSOS; BARROS, 2010). Quanto à pesquisa participante, esta é permeada pela interação entre o pesquisador e as pessoas investigadas, visando à emancipação destas pessoas envolvidas (GIL, 2010). Para tal feito de aproximação com o que se buscava, foram realizados encontros coletivos de resgate da trajetória de vida e participação política das Agentes Sociais. Contou-se com o uso de entrevistas realizadas individualmente, além de explorar bastante a observação de campo, sobretudo, as conversas dos moradores da cidade e as atividades políticas existentes no município.

Após essas considerações introdutórias, o trabalho está dividido em duas seções, acrescidas de introdução e conclusão. Na primeira seção será considerada uma breve explanação sobre o surgimento do grupo Agentes Sociais de Paracuru, no âmbito da política governamental. Na sequência, dar-se-á a importância da participação política dessas mulheres para fins de empoderamento.

2 O SURGIMENTO DAS AGENTES SOCIAIS DE PARACURU: um movimento para rompimentos

Em Paracuru, no ano de 2004, surgiu o trabalho com as Agentes Sociais, por meio do Projeto Espaço Cidadão, de acordo com a modalidade de atendimento da Assistência caracterizada pelas Ações Socioeducativas de Apoio à Família (ASEF)². A Agente Social seria uma facilitadora e mediadora

de processos de organização, articulação e mobilização comunitária, tendo como papel principal promover dentro do município processos de desenvolvimento, o que poderia trazer para as mulheres a “[...] promoção do empoderamento [e/a] estimulação da inteligência coletiva dos indivíduos, grupos e comunidades.” (MASULLO; BRAGA, 2006, p. 2).

A Secretaria de Desenvolvimento Social de Paracuru, responsável pela execução da Política de Assistência Social, com o propósito de alcançar os objetivos registrados anteriormente, organizou e implementou um processo de formação continuada, principalmente direcionada às mulheres ou mães selecionadas dentro de um perfil socioeconômico e de escolaridade que fosse foco de intervenção da política de Assistência Social, que compunha o contingente de 638 famílias provindas da inserção na Política de Educação do município e acompanhadas no projeto Espaço Cidadão. Aproximadamente 50 mulheres passaram pelo processo inicial de formação, contudo, apenas 25 destas incidiram em percorrer os caminhos do trabalho comunitário de forma voluntária.

Prioritariamente com uma renda *per capita* inferior a ¼ do salário mínimo correspondente ao ano de 2005, essas mulheres provinham, sobretudo, da experiência da chefia de suas famílias, com um perfil de baixa escolaridade e composto por uma faixa etária superior a 18 anos na sua maioria. A partir das primeiras capacitações, divididas em cinco núcleos, as Agentes Sociais foram distribuídas para acompanhar determinadas áreas do centro e periferia da zona urbana, conforme o vínculo escolar dos seus filhos, de maneira que cada uma estivesse acompanhando no máximo 20 famílias, dentro de determinado espaço geográfico, ficando o núcleo limitado a 100 famílias. Cada núcleo, composto por uma Agente Social Articuladora e quatro Agentes Sociais, deveria atuar em uma área de intervenção, ligada ainda a uma escola ou uma creche à qual as famílias estavam vinculadas.

A atuação da Agente Social teria como espaço privilegiado a comunidade do município, de maneira que este era visto como um lócus para a construção de projetos de vida e para a ajuda no desenvolvimento da cidade. Esta atuação, portanto, orientada por uma metodologia participativa, tem como objetivo gerar atitudes e iniciativas transformadoras (MASULLO; BRAGA, 2006). Na concepção de Masullo e Braga (2006), a promoção dessas ações passaria pela defesa dos direitos sociais, o que requeria dos Agentes Sociais conhecerem de forma ampla os direitos sociais, haja vista que estas iriam ajudar as comunidades a conhecerem e a defenderem esses direitos. Ao saírem de universos exclusivamente privados, onde cuidavam apenas de suas famílias, dos seus lares, estas mulheres mudaram também suas vidas. Passaram por novas construções, acessos a saberes diferentes, engajaram-se em

cenas políticas, candidataram-se para as lutas no espaço da participação representativa, conseguiram novos trabalhos, profissionalizaram-se, estudaram, formaram-se, apaixonaram-se. Partiram, pois, para o espaço público, mostrando-se para a vida e para os novos significados que esta pode tomar.

Entre os anos de 2008 e 2009, as Agentes Sociais, mobilizadas pela necessidade de se organizarem e lutarem, inclusive por melhores condições de trabalho, constituíram uma associação que passou a ser denominada Associação das Agentes Sociais de Paracuru. A partir desse momento, foram percebidos passos dados de forma embrionária quanto à participação dessas mulheres no direcionamento das políticas públicas. Assim, é possível ser percebido com o discurso de uma das mulheres envolvidas no estudo:

Quando eu iniciei com o projeto [...] eu era daquelas pessoas que entrava muda e saía calada [...] e hoje em dia eu sou conselheira da saúde! Saí de dentro de casa para fazer parte [...] ser uma conselheira da saúde [...] acho que foi um crescimento grande. Eu estava até pensando em casa que veio um projeto sobre a água para os distritos que faltam água. Aí a gente colocou em votação e eu votei a favor desse projeto [...] aí quando eu cheguei em casa [...] puxa vida! Quem diria que uma simples dona de casa estaria inserida na sociedade podendo votar – fiquei emocionada! (Informação verbal)³.

Para essas mulheres, a inserção no Projeto Espaço Cidadão, mais chamado pelas mesmas como Projeto ASEF, segundo a expressão aduzida, provocou fissuras na maneira de ver a vida e na maneira de conduzir-se na vida, embora estejam distantes de ações mais conscientes e ligadas às causas das mulheres.

As respostas dadas pelas Agentes Sociais a essa participação e em meio às observações realizadas com base ainda numa revisão de literatura, apresentou-se de certa forma paradoxal, haja vista que deu margem para se chegar à análise de que as políticas públicas pensadas e executadas a partir de 2001 em Paracuru, surgiram a partir da perspectiva de controle e regulamentação da vida. Neste caso, remete-se ao exemplo da implantação do Projeto Espaço Cidadão e a inserção das mulheres Agentes Sociais. As políticas públicas, a partir de uma perspectiva foucaultiana, passam a ser pensadas como dispositivos de controle da subjetivação dos seres, da população, aproximando-se do que chamou Foucault, da arte de governar (FONSECA, 2013).

Destarte, entre as notas em torno da implantação do grupo Agentes Sociais, e estas, como exemplo de ações promovidas por políticas públicas de cunho controlador por parte do governo local, não

se pode deixar de observar que se revelou por meio dos discursos das Agentes Sociais um significado e sentido⁴ de cunho coletivo à existência do grupo. Pode ser que todas não tenham alcançado ao mesmo tempo a decodificação como participantes desse processo, mas, aos poucos, muitas foram dando respostas às situações que se apresentavam em suas vidas, tanto de forma individual quanto coletiva (GOHN, 2008). Passaram em seu tempo e espaço, e por meio de uma cultura política, a compor um quadro de Agentes Sociais em pleno exercício de uma cidadania coletiva. Mesmo que tenham nascido do planejamento de um determinado governo, hoje compõem parte dos movimentos sociais de Paracuru e encontram-se num desafio constante de reestabelecer o grupo, de motivarem-se e de encontrar novos caminhos para o diálogo e exercício da participação.

3 A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA TRILHA DO EMPODERAMENTO

Destaca-se neste estudo a proposta de pesquisa sobre a participação política de mulheres sob o controle do Estado, mas inseridas no contexto dos movimentos sociais, a fim de desvendar a trajetória e os significados para as próprias mulheres envolvidas na luta social. Propõe-se, portanto, conhecer as mulheres que se encontravam na luta, na defesa, principalmente, do direito ao trabalho, à educação e ainda, a busca de seu reconhecimento como sujeitos sociais. Essas mulheres constituem hoje um corpo de diferenciadas experiências e subjetividades que emergem de situações distintas, a partir de suas realidades específicas, entretanto, com questões supostamente homogêneas no que se refere aos objetivos que as uniram, ou seja, os direitos de acesso às políticas públicas, os benefícios para a comunidade, o olhar para o bem-estar do outro e para a manutenção do bem-estar familiar.

Para compreender a participação política das Agentes Sociais de Paracuru, partiu-se das perspectivas, sobretudo, de Gohn (2008), quando esta diz que participação é uma lente que possibilita lançar um olhar ampliado sobre a História. Para Teixeira (2002), a participação, no caso dos movimentos sociais, como neste estudo, não é exercida sem dificuldades objetivas, pois considera que as desigualdades econômicas, sociais, culturais e étnicas podem influenciar na constituição de comunidades fechadas, até mesmo fragmentadas diante do mundo globalizado, entretanto, na busca por auto-organização podem encontrar uma forma de reconhecimento das suas diferenças e direitos.

Para Gohn (2007), a palavra participação é uma das mais utilizadas no vocabulário político, científico e popular da modernidade, aparecendo associada a outras palavras como democracia, representação e outras, dependendo da conjuntura histórica, como da própria época a qual está sendo

discutida. Considera, ainda, a autora, que vários foram os teóricos que fundamentaram o sentido atribuído à participação, sendo o termo analisado segundo níveis básicos como: o conceitual, o político e o da prática social. O primeiro tem um alto grau de ambiguidade, variando de acordo com o modelo teórico o qual o fundamenta. O segundo, para Gohn (2007, p. 14), está associado aos processos de democratização, podendo ser utilizado como “[...] um discurso mistificador em busca da mera integração social de indivíduos.”, exemplificados por meio das políticas sociais de controle social implantadas de forma a regular a sociedade. Quanto ao terceiro, referente às práticas,

[...] relaciona-se ao processo social propriamente dito; trata-se das ações concretas engendradas nas lutas, movimentos e organizações para realizar algum intento. (GOHN, 2007, p. 14).

Segundo autores como Carvalho (1995) e Gohn (2007), a questão da participação no Brasil remete-se a fatos históricos desde os tempos em que surgiram as primeiras lutas da colônia contra a metrópole. Entretanto, a participação política, segundo Carvalho (1995), estimulada por políticas públicas estatais, surgiu com a ideia de participação comunitária, sob forte influência norte-americana.

Tanto de maneira ideológica como prática, o movimento surge para dar respostas às questões referentes à relação entre pobreza e doença. O mesmo autor enfatiza que, na América Latina, este modelo não teve tanta repercussão, entretanto, na década de 1950 aparece o que se chamou de desenvolvimento da comunidade, uma proposta também americana de ajuda aos países em processo de subdesenvolvimento no movimento da guerra fria. Para Gohn (2007, p. 50), neste período a participação

[...] era pensada como incorporação dos indivíduos em ações previamente elaboradas pelas autoridades ou grupos de missionários que desenvolviam programas assistenciais nas comunidades.

Contudo, não é possível perder de vista que novas configurações em torno da participação alcançam atualmente o campo político e da disputa pelo poder. Na atualidade, já se pode apontar como exemplo o que há de mudanças em torno dos movimentos sociais, existindo novas lutas potencializadas por movimentos como os de mulheres, ecologistas, afrodescendentes e os grupos indígenas (GOHN, 2013). Para a mesma autora,

[...] observa-se um novo cenário econômico e sociopolítico, em que

marchas, ocupações e manifestações voltaram à cena em diferentes partes do mundo globalizado. Elas negam inclusive a política e o comportamento antiético de muitos políticos. (GOHN, 2013, p. 19).

A Associação das Agentes Sociais estaria inserida dentro do que se denomina movimentos sociais. Para Gohn (2011, p. 14), este é um movimento visto como

Ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas [...] eles representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa, de ordem numérica, mas como campo de atividades e de experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais.

A mesma autora corrobora para a reflexão de que os movimentos sociais têm um caráter educativo e que na prática se constroem em vários planos e dimensões, que, por sua vez, não determinam nenhum grau de prioridade, embora sejam articulados. A partir daí, descreve a *dimensão da organização política*, fundamentada na consciência adquirida progressivamente sobre direitos e deveres: a *dimensão da cultura política*, através do próprio exercício político, corroborando para o desenvolvimento de uma cultura que valorize a participação, a utilização de ações contínuas e sistemáticas, o acúmulo de experiências, em que a [...] fusão do passado e do presente transforma-se em força social coletiva organizada." (THOMPSON, 1979 apud GOHN, 2012, p. 23); e, por último, a *dimensão espacial-temporal*, que "[...] leva ao conhecimento e reconhecimento das condições de vida de parcelas da população, no presente e no passado." Esta dimensão

[...] possibilita uma grande articulação entre o chamado saber popular e o saber científico, técnico, codificado. As categorias tempo e espaço são muito importantes no imaginário popular. (GOHN, 2012, p. 25).

Por sua vez, pode-se dizer que estas dimensões têm influência considerável na organização e na forma de (re)constituição das Agentes Sociais, principalmente em razão da etapa atual de fragilização dos encontros do grupo. Percebe-se que as dimensões elencadas fazem parte do contexto das Agentes Sociais. Atualmente, estas mulheres buscam se *realimentar dos produtos* que conquistaram no passado para realizar os novos

processos de hoje. Tentam *resgatar elementos da consciência fragmentada* para poder contribuir na articulação atual. Esta ação é analisada como certa resistência política, mesmo que imperceptível diante da hegemonia dominante (GOHN, 2012). O discurso abaixo é esclarecedor da percepção sobre o papel político da Associação:

Que a gente possa lutar por muitas melhorias, como instrumento político para o nosso Município, principalmente para os nossos filhos, *pra* eles, no geral, e *pra* nossa comunidade, que venha acrescentar, principalmente na educação, por que antes a gente tinha filhos e se preocupava em ter o que comer, e hoje a preocupação é em educar, manter a mente deles ocupada, porque o reflexo tá aí, a gente vê na TV, é muita agressão é muito desrespeito. [...] E com a Associação eu posso de alguma maneira contribuir, trazer alguma coisa, lutar por algum movimento, trazer alguma coisa para a comunidade que aquilo vai ser de utilidade publica, vai ser favorável, vai acrescentar, então vai fazer valer. (Informação verbal)⁵.

Ela diz, ainda acerca do que espera da Associação:

Mais interesse, interesse e cobrança, a gente tem que cobrar um do outro e se cobrar, é como eu digo: a gente não precisa ter um motivo para se reunir, a gente precisa se reunir pelo menos uma vez por mês para ter um contato uma com a outra. Para uma saber, não é da vida da outra, mas saber qual é a necessidade da outra, a necessidade o que está acontecendo, se alguém está passando por um momento difícil, ver o que a gente pode fazer, de que forma a gente pode trabalhar para ela ser mais bem vista, mais bem requisitada, fazer com que todo mundo saiba que existe a Associação das Agentes Sociais, como tem as Agentes de Saúde, fazer valer o nome, entendeu? (Informação verbal)⁶.

Para Gohn (2008), os sujeitos protagonistas no processo de vivência e construção histórica passam a desenvolver uma consciência crítica de forma desalienadora, pois acabam, inclusive, agregando força sociopolítica ao grupo ou associação na qual estejam envolvidos, de maneira que esta forma de participação acaba sendo muito específica, pois leva à mudança e à transformação social. A autora provoca ainda, a reflexão para o entendimento acerca do sentido e do significado da participação como já citado anteriormente. O primeiro é o que conduz para desdobramentos, após o significado aprendido e apreendido pelos sujeitos (GOHN, 2008).

A participação política das Agentes Sociais de Paracuru é vista como proposta de resistência às estruturas criadas socialmente pelo próprio poder local, que facilitou e geriu a inserção das mulheres nos espaços públicos e também representou de forma bem mais acentuada a resistência às condições e relações vivenciadas por elas no âmbito do privado. Portanto, esse aspecto dá margem para uma reflexão em torno do conceito de poder, ao compreender que este é permeável nas relações, produtor de saber e discursos (FOUCAULT, 2012). Desta maneira, este poder, na condição de proporcionar transformações, também pode ser analisado como agente de mudanças significativas na trajetória de vida das mulheres, repercutindo na construção de novos devires sociais, tornando-as protagonistas de suas histórias, através de um processo de empoderamento, visto este como afirmador, como um passo importante para o traçado de novos caminhos (LISBOA, 2008).

Lisboa (2008, p. 2-3), a partir da estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais, aponta que

O termo empoderamento chama a atenção para a palavra 'poder' e o conceito de poder enquanto relação social. [...] Na proposta do feminismo, porém, pode ser uma fonte de emancipação, uma forma de resistência. Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é precondição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero [...] Os estudos feministas partem do pressuposto que o empoderamento das mulheres é condição para a equidade de gênero. O primeiro passo para o empoderamento deve ser o despertar da consciência por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero [...]

Segundo Vasconcelos (2001, p. 5), o termo empoderamento reveste-se de muitas complexidades, por isso, em seu artigo "A proposta do *empowerment* e sua complexidade [...]" conceitua-o como um

[...] aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos à relação de opressão e dominação social.

O mesmo estudioso aponta que o estudo sobre o tema tem sido um elemento central nas

políticas sociais, principalmente nos países de língua inglesa. Neste caso, diante do uso, às vezes de forma indiscriminada do termo, como abaliza Vasconcelos (2001), neste estudo, este passou a ser proposto atendendo a perspectiva de que o mesmo transcorre entre as relações vivenciadas pelas Agentes Sociais de Paracuru, sem assumir uma linearidade, quando elas fazem uso de certas estratégias de poder. Portanto, não sendo algo contínuo, permanente, sofre as refrações das correlações de forças existentes.

Os objetivos da pesquisa realizada culminaram em determinados pressupostos, como o que se configura pela possibilidade de emancipação por parte das mulheres Agentes Sociais, no sentido de terem alcançado aspectos que caminham para um empoderamento a partir da oportunidade de organização política. Embora não tenham surgido em meio às formas tradicionais dos movimentos sociais massificados, as Agentes Sociais dentro do seu associativismo pontual, com suas divergências e diferenças próprias dos sujeitos, trilharam caminhos novos, fomentando estratégias de empoderamento, mesmo que individualizadas, construídas no dia a dia. Estas também construíram histórias percebidas, principalmente, por meio da condição de participantes de uma vida coletiva, quando abriram fissuras na vida doméstica e mesmo em formas desiguais na vida pública, como diz uma das Agentes Sociais em entrevista: "Mesmo que acabe, mas pelo menos, fica na história o que aconteceu e que um dia existiu, [...]" (Informação verbal)⁷.

Ao dar-se ênfase a esta questão, considera-se a importância do registro sobre o legado constituído pelas Agentes Sociais de Paracuru, haja vista, a concepção pulsante para estas mulheres, da possibilidade de novas mulheres conseguirem vivenciar a mesma trajetória vivida por elas.

Pela leitura sobre o poder, é possível pensar em um agenciamento também transformador e emancipatório para estas mulheres. Deste modo, faz-se necessário ater-se sobre as análises de Gohn (2008, p. 32-33), quando declara que a transformação tem vários sentidos:

Poderá ser reiterativa do existente, apenas mudando sinais, modernizando algo – mas assentada nos mesmos pressupostos antigos; ou emancipadora e emancipatória, que agrupa um sentido, uma qualidade nova, que aponta para uma nova correlação de força sociopolítica dos sujeitos envolvidos.

Com esta definição, Gohn (2008) afirma que a emancipação não é um receituário de regras a seguir, fruto do desejo dos sujeitos, indivíduos, isoladamente. A emancipação real constrói-se na prática cotidiana, exigindo uma proatividade, com metas a seguir, que seria a autonomia. E esta é uma construção que parte de um campo ético e

político de respeito ao outro, sem se relacionar ao campo do pessoal, não havendo subordinação, dominação, interesses, inclusive, segundo a autora, *particularistas de poder*, que “[...] adquirem uma linguagem que possibilita ao sujeito participar de fato, compreender e se expressar por conta própria.” (GOHN, 2008, p. 33).

Para tudo isso, é importante salientar o campo da liberdade surgido para as Agentes Sociais de Paracuru, haja vista que o poder que pôde levar a um reconhecimento e desejo de emancipar-se só é exercido quando há liberdade, na perspectiva de que o poder pode levar, sobretudo, a resistências e a uma autonomia política, com oposição e independência ao poder estabelecido (RABAY, 2008).

As Agentes Sociais destacam que a liberdade está atrelada ao direito de ir e vir, ao direito de sair de casa, sem o compromisso com o horário para retornar, sem ter que dar satisfações ou responder ao controle de terceiros, como o pai e o marido. O fato de ter onde morar e não depender da moradia dos outros também é sinônimo de liberdade. Os significados surgidos expressam a rejeição às normalizações que fomentaram opressões e as colocaram, ou as deixaram por muito tempo, restritas aos espaços apenas da família. Por isso é importante aguçar a observação de como estas mulheres se veem com relação à liberdade:

Ser livre é você morar na sua própria casa, ter a liberdade de sair com seus filhos sem dar satisfação a ninguém. Eu nunca tive liberdade assim. [A mesma não se sentia livre como hoje] Eu me sentia presa, era obrigada a dar satisfação, não podia sair à hora que eu queria, tudo que eu fizesse tinha que comunicar. Agora saio à hora que eu quero, volto à hora que eu quero. (Informação verbal)⁸.

É ter liberdade de conseguir seu trabalho, e ser feliz, é caminhar através dos seus sonhos. (Informação verbal)⁹.

Eu sou [pausa], eu falo de sentimentos né, [...]. Eu vivi muito tempo com uma pessoa e [pausa] agora já tá quase um ano que eu estou separada dessa pessoa e hoje eu me sinto uma pessoa livre e independente. Hoje eu tenho o meu trabalho, eu tenho a minha casa, né. Hoje eu moro com os meus irmãos, [...], eu me sinto uma pessoa livre. Livre para ir onde quero [...] (Informação verbal).¹⁰

Quanto à autonomia, as mulheres ouvidas, de pronto enfatizaram sua relação com a independência financeira. É uma forma de se sustentar sem a dependência de outra pessoa, tendo, por exemplo, o próprio negócio. É ser polivalente, poder trabalhar e, por fim ser “[...] uma mulher cheia de direito, ela

tem direito, o poder de lutar e vencer.” (Informação verbal)¹¹. Também permeia a noção de liberdade, o poder financeiro, como proporcionador de novas lutas, outros sonhos trilhados sob novas socializações, para além do espaço doméstico. Desta forma, essas mulheres estariam utilizando-se de estratégias de empoderamento nas microrrelações estabelecidas entre os espaços privados e públicos.

As estratégias de empoderamento dessas mulheres se deram a partir do momento em que estas perceberam ser possível fazer algo, realizar coisas conectadas com o conhecimento e com o saber acerca das suas condições de vida, das relações construídas por meio dos sistemas preponderantes e aperfeiçoados ao longo de décadas. Participar da vida política para estas mulheres tem outro significado atualmente, embora não tenha sido motivo de força principal para aguçar novo rompimento, principalmente com o poder estrutural existente na cidade. Chegam, portanto, a considerar que participar da vida política do município, sem delegações, sem tutelas ou herança política, é algo favorável para aprimorar a vida da própria mulher, como se vê nas declarações abaixo:

Melhora, principalmente para a autoestima, e saber que você é capaz de qualquer coisa. A gente vê hoje em dia que, do jeito que um homem levanta uma casa, uma mulher levanta também, coisa que não acontecia no passado. Então, tudo que se diz mais forte para o homem fazer, a gente também pode, e até porque a gente é mais forte, por que senão, a gente não teria uma criança de parto normal e homem não conseguiria fazer isso com tanta facilidade. (Informação verbal)¹².

É importante participar com certeza. É importante entender o que está acontecendo na cidade e para saber o que se pode cobrar e saber o que irá acontecer. (Informação verbal)¹³.

É [pausa] se inserir realmente, sabe? No serviço, na política. Porque, atualmente, é como eu já falei né. A mulher, ela tem que ter uma liderança, realmente ela tem que ser líder de algo, ela tem que ver realmente a realidade, pra acabar com essa coisa de que só os homens que “são líder”, só os homens que fazem isso; que hoje em dia até a gente vê que tem “serviços de homem” que a mulher faz. E eu acho que isso não era [...] incapaz né? Eu acho que todas nós temos essa capacidade, basta só que realmente “busque” e corra atrás! (Informação verbal, grifos nossos)¹⁴.

Embora se possa elucidar que no surgimento das Agentes Sociais de Paracuru haja aspectos

relacionados à perspectiva voluntarista doadora, que mediou os trabalhos das mulheres até certo período, estes mesmos tornaram-se, de certo modo, para estas mulheres, aspectos apoderados, e transformados em saberes e discursos, fortalecidos por uma participação mais cidadã. Estes foram utilizados favoravelmente para chegar a novos espaços e, de certa forma, a outros territórios de domínio que as colocaram à frente do que os dispositivos de poder e das tecnologias do poder vigentes construíram.

Passaram a compreender a importância da participação, principalmente feminina, embora a luta delas não tenha alcançado um patamar mais complexo da questão referente à desigualdade entre homens e mulheres, e ainda, não tenham levantado lutas mais estruturais na quebra dos paradigmas com o poder público, senão nos seus cotidianos, nos seus microcontextos, em meio às forças existentes. Compreenderam que as responsabilidades femininas não se restringiam apenas ao cuidado e ao papel de ser mãe, mas ao direito de ter um trabalho fora do ambiente doméstico, de ter onde morar, de ter um salário digno, e educação, e de poder controlar o próprio tempo, visto que a liberdade não se restringia apenas a um dos gêneros.

Desta forma, buscou-se fechar esta seção, refletindo acerca da esperança de que estas mulheres, como outras que lutam pelo respeito às diferenças e pela igualdade de direitos, venham a alcançá-los, sem submergir o poder de criar, e acreditar.

4 CONCLUSÃO

O fim pode parecer um começo para algo novo e inesperado, a partir do momento que se percebe a perspectiva que a vida pode oferecer. No caso estudado, faz-se referência às Agentes Sociais de Paracuru, que acreditaram em seu potencial, vislumbrando o infinito.

Sob a óptica das reflexões de Gohn (2012), as mulheres Agentes Sociais de Paracuru se constituíram em torno de uma expectativa regulamentadora e passaram por fases que as marcaram e provocaram mudanças em suas vidas, ao ponto de deixarem um passado de realizações para muitas famílias acompanhadas durante o período de 2005 a 2012.

A origem da organização das Agentes Sociais de Paracuru, o processo de estudo, ou mesmo de cumprimento às normas, aos atendimentos das diretrizes dos projetos, o contato com o real, com a disciplina burocratizada do serviço público, foram fomentadores de novos atravessamentos vivenciados por estas mulheres. Ao perceberem as limitações para o acesso aos espaços que poderiam alcançar, desvelaram informações postas na realidade a partir das relações construídas com a participação política, de modo que desafiam

diariamente os códigos morais postos entre as relações de gênero, reproduzidos em discursos e práticas sociais imbricadas no imaginário social.

Apartir do processo de formação como Agentes Sociais comprometidas com a transformação em âmbito individual e coletivo, solidarizaram-se entre si e entre os demais membros da comunidade e passaram a enfrentar os desafios que encontravam com a vulnerabilidade. Tendo que enfrentar as rotinas diárias da espera por bens e serviços públicos, mostraram-se mulheres que poderiam buscar os próprios direitos e pela luta, torná-los efetivos.

Percebe-se que o envolvimento político dessas mulheres na operacionalização do projeto Espaço Cidadão, e demais serviços da política de assistência, não as conduziu a uma relação mais efetiva com as causas diretamente feministas, mas não se pode deixar de reconhecer que mudanças aconteceram nos seus cotidianos, nos espaços domésticos, e, por que não dizer, na autoestima delas, pelo sentido de perceberem-se úteis, contribuindo para a garantia de direitos sociais, estes que, por sua vez, repercutem diretamente na causa feminina, como o direito à educação, ao trabalho, ou mesmo o próprio direito a não violência.

Os resquícios de uma cultura machista, de opressão e subordinação, não foram superados ao mesmo tempo por todas as Agentes Sociais de Paracuru, fato que repercutiu na autonomia coletiva destas mulheres frente às limitações postas pelo governo local. Destarte, não se pode perder de vista que o alcançado por essas mulheres, no espaço público, dá margem para discorrer que elas estavam exercendo poder, mesmo em condições de desigualdade, em especial no âmbito do poder público local. Por tudo isso, faz-se necessário observar também que, mesmo em condições desiguais, estas já estavam, dentro das suas particularidades, usando das estratégias de poder para alcançar o direito sobre seu tempo e seu corpo. Este poder foi fortalecido pelo saber e pela liberdade conquistada aos poucos, com o acesso a outros caminhos, fora do contexto doméstico.

O que se pode inferir é que estas mulheres, em meio às contradições pertinentes às relações de forças que se travam nos seus cotidianos, passeiam, ainda, pela adequação ou insubordinação a certos padrões e papéis como o de cuidadoras, responsáveis pela família, ou seja, precisam mostrar algo à sociedade. Mas, diante de uma circularidade do poder, tornou-se mais forte cuidar de si e promover um saber político, um saber que fora suscitor de novos desejos. Por exemplo, compreenderam que o campo do trabalho e do espaço político, também se destina à mulher.

Mais do que o poder de suprir as necessidades do lar, a perspectiva era de que os trabalhos fora do lar lhes traziam autonomia. Foi uma compreensão aprimorada pela clareza, pela visibilidade das ações de cunho coletivo, pelo contato com as outras

mulheres e pelo desvelar de informações, passando-se a entendê-las como algo que se conquista e que é construída diariamente, como assevera Gohn (2008).

Isso remete à conclusão que o conhecer, bem como foi com o engajamento social e político destas mulheres, fortaleceu a sua identidade de mulher. Ambos dão hoje significado e sentido às práticas que as conduzem à liberdade e as fazem compreender a força que têm enquanto mulher, tornando-as mais confiantes. Buscaram um reconhecimento que chegou entre estas e por parte da comunidade, entretanto, o reconhecimento esperado por parte do governo local à época não foi o suficiente para torná-las hoje uma entidade ou movimento social forte o suficiente para superar as estratégias de desmantelamento dos agentes políticos locais, encontrando-se ainda de forma tênue a coletividade entre as Agentes Sociais.

Isso se deve à própria forma com que se oficializaram e às construções no imaginário social acerca do seu papel associativo, além das questões financeiras que permeiam a entidade. Contrário a esta percepção ainda não codificada acerca do papel político e força política do conjunto Agentes Sociais de Paracuru pelas próprias mulheres, o governo local percebeu a instrumentalidade e o papel dessas mulheres e hoje as conduz a espaços isolados de atuação como Agentes Sociais, como uma forma de contenção, principalmente da imagem política das Agentes e da representatividade a qual estavam vinculadas até 2012.

As mulheres membros da Associação das Agentes Sociais de Paracuru começaram a conquistar poder internamente, de forma que já faziam uso de estratégias de empoderamento. De uma maneira particular, fizeram história em Paracuru. Deixando o legado das transformações de vida, foram além do exercício e do papel de mães, pois partiram em busca de novas travessias e hoje lutam contra as próprias contradições em que estão imbricadas. Mas, não perderam a certeza de que a vida é feita de avanços e recuos, acertos e erros, permanências e mudanças. Neste processo da vida, fica o desafio para se chegar à plenitude do empoderamento (CRUZ, 2009), que seria o rompimento e a transformação das relações desiguais de gênero. Mas, se este não se concretizar como objetivo das Agentes Sociais, fica a certeza de que elas vão a cada dia se ressignificando e promovendo outros sentidos para o ser mulher e o ser ou estar Agente Social de Paracuru.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional da Assistência Social - PNAS 2004:** Norma Operacional Básica - NOB/ SUAS. Brasília, DF, 2005.

CARVALHO, A. I. **Conselhos de saúde no Brasil:** participação cidadã e controle social. Rio de Janeiro: IBAM/FASE, 1995.

CRUZ, M. H. S. O poder político e as mulheres nas eleições em Sergipe. **Cadernos: Revista de Política e Cultura da Seção Sindical dos Trabalhadores da UFS**, [S. I.], ano 10, v. 15-18, jan./dez. 2009. Disponível em: <www.observatoriodegenero.gov.br/.../politicas.../o-poder-politico-e-as-mulheres-nas-eleicoes-em-sergipe-Similares>. Acesso em: 28 maio 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2010.

FONSECA, M. A. da. Para pensar o público e o privado: Foucault e o tema das artes de governar. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Figuras de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 155-163.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder:** organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012.

GOHN, M. da G. **Conselhos gestores e participação sociopolítica.** 3 ed. São Paulo, Cortez, 2007.

_____. **O protagonismo da sociedade civil:** movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo, Cortez, 2008. (Coleção questões da nossa época, v. 123).

_____. **Movimentos sociais no início do século XXI:** antigos e novos atores sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Movimentos sociais e educação.** São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção questões da nossa época, v. 37).

_____. **Sociologia dos movimentos sociais:** indignados, Occupy Wall Street, Primavera Árabe e mobilizações no Brasil. São Paulo, Cortez, 2013.

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. de. Movimento-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pista do método da cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2010. P. 76-91.

LISBOA, T. K. O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: corpo, violência e poder, 8., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

MASULLO, A.; BRAGA, O. R. **Agentes Sociais:** uma proposta de intervenção no desenvolvimento local. Paracuru: Secretaria de Desenvolvimento Social de Paracuru. 2006.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pista do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2010. P. 17-30.

RABAY, G. de L. F. **Mulheres na política e autonomia**. 2008. 273 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. A proposta de empowerment e sua complexidade: uma revisão histórica na perspectiva do Serviço Social e da Saúde Mental. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano 22, n. 65, p. 5-53, mar. 2001.

TEIXEIRA, E. C. **O local e o global: limites e desafios da participação cidadã**. São Paulo: Cortez; Recife: EQUIP; Salvador: UFBA, 2002.

NOTAS

¹ Dissertação defendida em março de 2015, apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, do Centro de Estudos Sociais Aplicados, vinculado a Universidade Estadual do Ceará (UECE).

² De acordo com a Norma Operacional da Assistência Social Básica, o financiamento dos serviços, programas, projetos e benefícios da área da Assistência Social aconteceria a partir dos recursos distribuídos, seguindo certos critérios de transferências, ou seja, por meio de pisos que deveriam seguir o nível de proteção social (BRASIL, 2005). Portanto, as ações de Apoio às famílias do ASEF faziam parte do Piso Básico de Transição, que visava a manutenção dos valores e dos serviços de ação continuada – Antiga Rede SAC, anteriormente financiados pelo Fundo Nacional de Assistência Social, nas ações de Proteção Social Básica referentes à Jornada Integral e à Jornada Parcial para crianças com até 06 anos e ações socioeducativas de apoio à família de crianças com até 06 anos – ASEF, além do atendimento nos Centros e Grupos de Convivência para Idosos.

³ Dados da entrevista com a Agente Social M. do D. D. da R., realizada em 14 de dezembro de 2014. Que hoje participa do Conselho de Saúde, representando o segmento dos usuários da política.

⁴ Para Gohn (2001, p. 31), ressalta-se que “[...] significado é o conceito de algo, como ele se define e é para os sujeitos que participam das ações coletivas, e de como são socializados. São identificados, confirmados e testemunhados por aqueles que se defrontam com o outro. Já o sentido é direção, é diretriz, é orientação, é norte, é rumo, é destino que conduz a desdobramentos.”

⁵ Dados da entrevista com a Agente Social A.R.S.S., realizada no dia 28 de abril de 2014.

⁶ Dados da entrevista com a Agente Social A. R.S.S., realizada no dia 28 de abril de 2014).

⁷ Dados da entrevista com uma Agente Social.

⁸ Dados da entrevista com a Agente Social B. F. do N., realizada no dia 26 de abril de 2014.

⁹ Dados da entrevista com a Agente Social R. F. do N, realizada no dia 09 de junho de 2014).

¹⁰ Dados da entrevista com a Agente Social T. N. F., realizada no dia 09 de junho de 2014).

¹¹ Dados da entrevista com as mulheres ouvidas.

¹² Dados da entrevista com a Agente Social A. R. S.S., realizada no dia 28 de abril de 2014).

¹³ Dados da entrevista com a Agente Social A. R. S.S, realizada no dia 28 de abril de 2014).

¹⁴ Dados da entrevista com a Agente Social T. N. F, realizada no dia 09 de junho de 2014).

Lidiane Ramos Lima

Assistente Social
Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Servidora Pública da Prefeitura Municipal de Paracuru-Ceará
E-mail: lidianerl@hotmail.com

Maria do Socorro Ferreira Osterne

Assistente Social
Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Professora Associada da Universidade Estadual do Ceará (UECE)
E-mail: socorro.osterne@uece.br

Prefeitura Municipal de Paracuru

Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - Rua Ormezinda Sampaio, s/n, Centro - Paracuru, CE CEP: 62680000

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Centro de Estudos Sociais Aplicados, Metrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade - Avenida Dr. Silas Muguba, 1700, Itaperi - Fortaleza, CE CEP: 60740-000